

Aeroporto dividirá as terras dos Guajajara



Um velho Guajajara de Bom Jardim ameaçado pelo aeroporto. (Foto Paulo Suess).

A consolidação dos planos impostos pelo regime militar ocorrerá brevemente, com a expulsão de povos indígenas e lavradores, tidos como "obstáculos" ao Projeto Carajás. Além da hidrelétrica de Tucuruí, no Pará, que destruirá o povo Parakanã, essa exploração mineiro-metalúrgica necessitava de um aeroporto. E não podia haver demora.

Os Guajajara já estão entregues à própria sorte: feitos os primeiros levantamentos, concretiza-se a idéia da construção de um aeroporto em suas terras. Inicialmente, planejou-se a obra no local onde os índios plantaram suas roças, todavia, houve forte reação e até ameaças deles flecharem o pessoal da topografia. Já, a segunda investida, visava arrasar com a aldeia Novo Planeta, recém-construída. Graças à intervenção do chefe do Posto Indígena Pindaré a FAB concordou em mudar de lugar.

O terceiro levantamento, efetuado numa área onde existe a maior concentração de côco babaçu, trouxe sérias consequências, uma vez que as matas foram

destruídas, e apesar dos pouco mais de 13 mil hectares, a economia de subsistência dos índios é baseada na venda do produto.

Há cinco aldeias ali, com uma população de aproximadamente 300 índios, cujas casas estão espalhadas.

MAIS DESTRUÇÃO

De acordo com os planos da FAB, o aeroporto ficaria às margens da BR-316 (Teresina-Belém), a uns 15 quilômetros de Santa Inês. Para que ele possa surgir, serão derrubados cinco mil pés de côco babaçu, cujo valor é estimado em 30 milhões de cruzeiros.

Para os Guajajara houve promessas de que o governo indenizaria os prejuízos, muito embora todos se mostrem descrentes do seu cumprimento. Tudo leva a crer que a "tão esperada obra" faça parte do famigerado Projeto Carajás. Um coronel da FAB teria dito, alto e bom som, que "daqui a alguns anos não teremos mais área indígena, nem índios, porque essa terra integra o corredor Carajás".